



**Uma abordagem do compromisso pelo Bem Comum à luz da encíclica Laudato Si como forma especial de caridade entre os indivíduos e as macros relações sociais.**

Edmar Fernandes Gomes  
Graduando em Teologia  
PUC Minas - Uberlândia  
edmar\_f\_gomes@hotmail.com

**RESUMO:** Ao sugerir uma reflexão teológica que seja capaz de reconhecer como a fé pode favorecer ao indivíduo novas motivações e exigências comportamentais no convívio que o leve a alcançar sua totalidade e universalidade no conjunto da vida social, garantindo harmoniosamente a felicidade e a dignidade para ele, para os mesmos de sua espécie e para os demais seres existentes, numa perspectiva voltada para o Bem Comum, é mister compreender primeiramente como este ser se interage e como se responsabiliza consigo mesmo, com o outro, com o universo e com Deus. As recentes mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas caracterizadas por um sistema complexo, são tidas como inevitáveis e desejáveis, muitas vezes com resultados imprevisíveis. Há um movimento constante de contínua aceleração, proveniente de uma intensificação dos ritmos de vida e trabalho contrastando com a lentidão natural da evolução biológica, que não estão orientados para o Bem Comum e para o desenvolvimento humano sustentável e integral. A Cultura do Descarte, a negação da fragilidade do planeta e a submissão da política à tecnologia e à economia, que estão a mercê de interesses econômicos de grandes corporações, prevalecem sobre o Bem Comum e manipulam informações para não ver afetados os seus interesses. Há de se ter atenção especial a aliança entre economia e tecnologia quando esta acaba por deixar de fora tudo o que não faz parte dos seus interesses imediatos. Na presente investigação nos propomos a elucidar ao leitor que a partir da compreensão da encíclica Laudato Si do papa Francisco, à luz da fé e na humildade em reconhecer sermos “miseros vermes” dependentes da Misericórdia Divina, é possível fazer uma abordagem sócio-político-econômica-religiosa movida pela caridade e justiça para ouvir o clamor da terra e dos que mais precisam, onde a Ecologia Humana é inseparável da noção de Bem Comum.

**PALAVRA-CHAVE:** Cultura do Descarte; Ecologia Integral; Bem Comum.

**ABSTRACT:** By suggesting a theological reflection that is capable of recognizing how Faith can favor the individual with new motivations and behavioral demands in the life that brings him to reach his totality and universality in the whole of social life, harmoniously guaranteeing happiness and dignity for him, the same of its species and for the others beings existing, in a perspective directed to the Common Good, it is necessary to first understand how this being is interacted and how it is responsible with itself, with the other, with the universe and with God. Recent changes in contemporary societies characterized by a complex system are seen as inevitable and desirable, often with unpredictable results. There is a constant movement of continuous accelerations, coming from an intensification of rhythms of life and work contrasting with the natural



slowness of biological evolution, which are not oriented towards the common good and to sustainable and integral human development. The culture of discarding, denying the fragility of the planet and subjecting politics to technology and economics, which are at the mercy of the economic interests of large corporations, prevail over the common good and manipulate information so as not to affect their interests. Particular attention must be paid to the alliance between economics and technology when it ends up leaving out everything that is not part of its immediate interests. In the present investigation we propose to elucidate to the reader that from the understanding of the encyclical *Laudato Si* of the pope Francisco, in the light of the faith and in the humility recognizing to be “miserable worms” dependent of the Divine Mercy, it is possible to make a socio-economic-religious movement driven by charity and justice to hear the cry of the land and those who need it the most, where human ecology is inseparable from the notion of the common good.

**KEYWORDS:** Culture of Discarding; Integral Ecology; Common Good

O ser humano ocupa um lugar privilegiado, não único, na obra da criação de Deus. Como um ser de relação é mister compreender primeiramente como este ser se interage e se responsabiliza consigo mesmo, com o outro, com o universo e com Deus.

Faz-se necessário escutar o som das águas que caem das cachoeiras e riachos, estar sensível em buscar distinguir a espécie do pássaro que festivamente canta por mais um amanhecer, tudo isso e muito mais, visando elevar a compreensão humana à capacidade de processar internamente as informações com uma alma limpa daquilo que está oculto e incompreendido aos olhos da razão. Assim nos apresenta o papa Francisco: “tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” [LS 91].

Existe uma leveza na criação que converge a vida humana, as demais espécies de vida e tudo mais que há além da compreensão humana que manifestam, ora por vibrações silenciosas, ora esbravejando seu clamor por dignidade de simplesmente existir.

Não há como o ser humano, sendo o único ser neste planeta que sabe que sabe, e é parte integrante da terra, como afirma o teólogo Leonardo Boff (2016): “nós seres humanos que quando vistos da parte de fora da terra - a partir da visão de um astronauta - , somos aquela porção da terra que num momento avançado da sua evolução, essa porção começou a pensar, a sentir, a venerar, e aí, surgiu o ser humano - homem e mulher. Nós somos terra: terra que pensa, terra que anda”. A partir desta compreensão de pertença que carinhosamente o papa Francisco denomina de “Mãe e Irmã Terra” [LS 1], não há como não reconhecer a responsabilidade individual e coletiva, pequena ou grande, dos pecados que ao longo dos últimos dois séculos a humanidade vêm cometendo à toda criação de Deus. Baseando-se num discurso articulado que está em prol da submissão da vida pela economia e pela tecnologia, o cuidado com a criação fica



em segundo plano. Adverte o papa Francisco: “nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Mas somos chamados a tornar-nos os instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude” [LS 53]. É com essa perspectiva responsável e solidária que a geração atual deverá entregar às gerações futuras um mundo melhor do que este ao qual receberam.

Valiosas são as reflexões cristãs e não cristãs e das diversas áreas do conhecimento científico que convergem para uma preocupação comum, tais como as palavras proféticas do Patriarca Bartolomeu que tem evidenciado a necessidade de cada um responsabilizar-se pela desfiguração e destruição da vida biológica existente, assim afirma: “quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas úmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado. Porque um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus”[LS 8].

Em sintonia, o papa Francisco convida a humanidade a viver uma fraternidade universal e a usar de misericórdia para com a nossa Casa Comum, que pressupõe: reconhecer o clamor da terra, examinar nossas consciências pelo pecado cometido contra a vida, arrependimento e mudança de rumo que contribua para a construção de uma Cultura do Encontro e de uma sociedade que de fato seja capaz de comungar os mesmos interesses. E assim expõe: “o cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão. Jesus lembrou-nos que temos Deus como nosso Pai comum e que isto nos torna irmãos. O amor fraterno só pode ser gratuito [...]. Por isso, é possível amar os inimigos. Esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol ou as nuvens, embora não se submetam ao nosso controle. Assim podemos falar duma fraternidade universal” [LS 228]. Num contexto de imoralidade generalizada em todas as esferas das instituições governamentais, que deveriam promover a justiça social e a igualdade de direitos, urge uma necessidade moral que nesta expressão do papa Francisco “cai como uma luva”: “é necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos” [LS 229].

Cuidar da criação requer pensar num conjunto de ações éticas para a coletividade, que contraponha ao paradigma tecnocrático, onde a política e a cultura não sejam objetos de manipulação dos interesses financeiros e eleitorais para a perpetuação de poder, ampliação da miséria social e sobreposição ao Bem Comum, mas sim mecanismos de transformação que inclua sustentabilidade e o cuidado da criação. Reforça o papa Francisco: “um desenvolvimento tecnológico e econômico, que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso” [LS 194].



Simultaneamente, a natureza indefesa e os mais pobres são os primeiros destinatários das consequências das ações irresponsáveis realizadas pelos seres humanos: mortes prematuras causadas pela exposição de poluentes atmosféricos e descargas de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da água com a perda de biodiversidade, transformando a terra num imenso depósito de lixo. Constata o papa Francisco ao afirmar: “tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres” [LS 48]. E continua, “[...] não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” [LS 49].

O ser humano tem dificuldade em reconhecer que o funcionamento do ecossistema é harmonioso e exemplar em seu processo de sintetização de substâncias nutritivas, pois até mesmo quando uma folha seca de uma árvore cai ao solo, a mesma que aos olhares humanos aparentemente está morta é fonte gratuita de substrato para a geração de novas vidas. É um equilíbrio agradável à vida. O mesmo não se pode afirmar dos sistemas industriais, que ao final do ciclo de produção e consumo, não são capazes de absorver e reutilizar seus resíduos e detritos, simplesmente os descartam no meio ambiente. A este comportamento inconsequente, o papa Francisco aborda como sendo: “[...] a Cultura do Descarte que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo. [...] Custa-nos a reconhecer que o funcionamento dos ecossistemas naturais é exemplar. [...] Ao contrário, o sistema industrial, no final do ciclo de produção e consumo, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e escórias. Ainda não se conseguiu adaptar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não-renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclandos. A resolução desta questão seria uma maneira de contrastar a Cultura do Descarte que acaba por danificar o planeta inteiro, mas nota-se que os progressos neste sentido são ainda muito escassos [LS 22]. A ideia de consumir compulsivamente fortalece esta Cultura do Descarte, em que não há limite para se ter mais e mais. São guarda-roupas repletos de roupas, sapatos e acessórios como se fosse possível alguém tendo uma coleção de blusas de frio utilizá-las ao mesmo tempo num país de clima tropical, em contrapartida há milhares e milhares de pessoas que diariamente não têm um lugar para se abrigar, tomar banho, alimentar-se e agasalhar-se. Se sobra em algum lugar é porque falta em outro. Neste desejo de consumir não há espaço para perceber a existência da pessoa que está ao seu redor, da árvore que lança ao vento suas flores coloridas ao despertar de uma nova primavera ou do grande edifício já construído na rua de sua casa. Vizinhos, se existe não se sabe nem se conhece, pois é preciso consumir aquilo que determina a moda. Há de se questionar os interesses econômicos movidos pela tecnologia a quem possa beneficiar este consumo, nos alerta papa Francisco: “a cultura consumista, que dá prioridade ao curto prazo e aos interesses privados, pode favorecer análises demasiado rápidas ou consentir a ocultação de informação [LS 184].



Diante de um cenário de descaso generalizado que contamina o comportamento humano, requer refletir sobre o sentido do que seja Bem Comum e as contribuições positivas para toda criação de Deus. Para Denzinger (2015, p 1312) o Bem Comum deve zelar e proteger os direitos individuais e coletivos em todas as circunstâncias da vida social de forma a assegurar a dignidade humana em sociedade. O papa Francisco alarga esta compreensão ao afirmar que: “o clima é um Bem Comum, um bem de todos e para todos. [...] um sistema complexo, que tem a ver com muitas condições essenciais para a vida humana.” [LS 23]. Ao abordar sobre uma Ecologia Integral, entende que se inclua as dimensões humanas e sociais, onde tudo está interligado, falar de meio ambiente é relacionar natureza e sociedade, onde afirma-se haver duas crises interligadas: uma ambiental e outra social e sua solução, afirma papa Francisco: “requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” [LS 139]. Uma dignidade entendida na sua plenitude, em sua integralidade, para que as condições mínimas de vida (alimentação, moradia, saúde etc) sejam asseguradas e respeitadas, pois como seres criados à imagem e semelhança de Deus toda e qualquer forma de discriminação dos direitos fundamentais da pessoa devem ser superadas e eliminadas pois são contrárias à vontade do criador. Continua o papa Francisco: “o Bem Comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social. [...] requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência. Toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o Bem Comum [LS 157].

Muitos resistem em afirmar que o que está acontecendo com o clima não é verdade, negam a interferência humana e alimentam seus vícios autodestrutivos. Contrário a este pensamento, refuta o papa Francisco: “[...] em épocas de crises profundas, que exigem decisões corajosas, somos tentados a pensar que aquilo que está a acontecer não é verdade. [...] parece que as coisas não estejam assim tão graves e que o planeta poderia subsistir ainda por muito tempo nas condições atuais. Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo. É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido” [LS 59].

Por fim, o apelo do papa Francisco em propor este diálogo sobre o cuidado da Casa Comum numa Ecologia Integral, pretende despertar a responsabilidade social inerente a cada pessoa, cada organização empresarial que num contexto de globalização compreende principalmente as grandes corporações, em encontrar soluções conjuntas, solidárias e harmoniosas por um compromisso com a vida através de processos sustentáveis na interdependência dos ecossistemas, do ser humano e todas as suas relações. Num horizonte cristão, uma conversão contínua na historicidade própria de cada ser humano, que brote do coração à luz da sua experiência de fé em Jesus Cristo, numa espiritualidade profética e contemplativa, capaz de romper com o legalismo e



renunciar ao consumismo descontrolado, mas sobretudo em criar laços de comunhão e pertença a uma Casa Comum onde reine a solidariedade e a dignidade para todos, com zelo e respeito pela criação de Deus. Existe uma certeza, não existe só um caminho de solução, mas há uma variedade de contribuições e de respostas abrangentes a serem vislumbradas. Com esta lucidez e sabedoria o papa Francisco compartilha e congrega a todos a uma Cultura do Cuidado para com esta Casa Comum, seja pelos princípios da fé ou da ciência, ao afirmar: “sobre muitas questões concretas, a Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões” [LS 61]. “É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença” [LS 52]. É preciso pensar e agir para um único mundo e um único projeto, para verdadeiramente ressoar o cântico das criaturas: “louvado sejas meu Senhor pela Mãe e Irmã Terra” e todos os seres que nesta Casa Comum partilham o mistério da criação.

### **Referências**

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3 ed. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2015.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013 -:Francisco). **Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas,2015.

Leonardo Boff, Frei Betto e Mario Sérgio Cortella, no debate e lançamento do livro "Felicidade Foi-se Embora" (Ed. Vozes), no Cine Theatro Brasil Vallourec, no dia 20/04/2016 na programação comemorativa dos 30 anos do programa “Sempre um papo”